

Por que formação teológica em residência?

O presente artigo reproduz uma conferência proferida no Simpósio sobre Educação Teológica, promovido pela Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), de 14 a 17 de dezembro de 1976, em Curitiba. O corpo da conferência é constituído por uma apresentação da **Reforma do Estudo**, que vem sendo implantada em nossa Faculdade desde 1975. Foi para levar este assunto ao conhecimento dos nossos leitores que incluímos a matéria que segue neste número.

Nelson Kirst

“Esperamos que você fundamente teologicamente a existência das faculdades de teologia e sua validade no Brasil de hoje”, escreveu-me o Secretário Geral da ASTE, em carta de 26.08.1976. Não vou fazer nada disso. Não posso fazê-lo.

Vejam bem: O que é que se pode fundamentar teologicamente, em matéria de formação teológica? Pode-se fundamentar teologicamente um certo tipo de preparo para o exercício de um certo tipo de ministério. Mas não a existência de uma faculdade de teologia. Esta fundamentação terá que ser pedagógica. Em outras palavras, posso indicar as razões teológicas pelas quais um obreiro da Igreja de Cristo deva receber tal e tal preparo. Mas não há argumento teológico em favor de uma formação em residência ou por extensão. Teremos que perguntar, antes, sob um enfoque pedagógico, qual o tipo de formação é o mais indicado para levar àquele preparo que se julga o teologicamente mais indicado.

Também não me vejo em condições de falar sobre “as faculdades de teologia e sua validade no Brasil de hoje”. Faculdades de teologia não existem soltas no ar — pelo menos não deveriam. Normalmente encontram-se inseridas num determinado contexto eclesial e num determinado contexto regional. Por isso, o que vale para uma pode estar longe de ter validade para a outra. Cada faculdade experimenta uma igreja e um Brasil diferente. Como estabelecer, então, fundamentações de validade tão abrangente?

Diante do exposto, e não vendo no momento vantagem alguma em apresentar divagações sonoras e abstratas, só me resta uma abordagem do assunto: a que parte de nosso enfoque bem particular. Isto é, procurarei fundamentar porque nós, na Faculdade de Teologia da IECLB, realizamos uma formação teológica em residência. Para tanto, convido-os agora a acompanhar-me através da reflexão que se processou em nossa Faculdade, ao longo dos últimos anos, culminando com a implantação de nossa reforma do estudo. Através desta exposição procurarei demarcar quais os princípios que nos nortearam, qual o preparo que julgamos necessário para os obreiros de nossa Igreja, para depois perguntar qual a modalidade por extensão, em residência ou uma combinação de ambas que mais se adequa a tais princípios.

II

O empenho pela reforma do estudo foi desencadeado, já na década passada, pelo reconhecimento de dois problemas fundamentais inerentes ao tipo de formação que se cultivava em nossa Faculdade:

Antes de mais nada, ele não correspondia à real situação do estudante que recebíamos. Isto, porque pressupunha desde o início, neste estudante, a capacidade de ler, estudar e pesquisar de modo profundo, intensivo e sobretudo autônomo. Era o exemplo típico de um sistema transplantado. No momento em que a Faculdade começou a receber em maior número estudantes de colégios secundários espalhados pelo Brasil inteiro, evidenciou-se a ilusão em que se baseava nosso sistema de estudo. O estudante levava anos até adquirir aquela capacidade de estudar que dele esperávamos, desperdiçando, pois, muito tempo e energia seus e da Faculdade. Para resolver tal problema, resolvemos desenrolar o estudo de modo progressivo, do mais simples ao mais complexo, em dosagens suportáveis, introduzindo pelo menos na primeira metade do estudo as verificações e exames sem cuja pressão nosso estudante de início não consegue estudar.

O outro problema fundamental constatado foi a enorme deficiência de nossa Faculdade no preparo para o exercício do ministério. Como escrevia, em 1971, um pastor e ex-aluno nosso: "Se sob o ponto de vista teórico podem ser expressos os maiores elogios ao estudo na Faculdade, sob o ponto de vista prático a situação é catastrófica".

E era mesmo. Reconhecemos que neste ponto as mudanças teriam que ser radicais. Tínhamos que preparar melhor para o pastorado. Colocado este alvo, passamos a perguntar-nos qual o

pastorado, para o qual pretendíamos preparar. Lançamo-nos à tarefa de delinear a imagem do pastorado que tínhamos em mente. E falhamos. Constatamos que não existe "o" pastorado. O que existe é um colorido leque de modalidades de pastorado, condicionadas à própria comunidade, ao contexto social e regional, e às características do próprio pastor. Mais ainda, vimos que as diversas modalidades estão em câmbio constante e que sempre surgem novas modalidades, inéditas na Igreja. Como preparar, então, um jovem para o pastorado?

A solução que encontramos foi a seguinte: Nosso estudante deveria receber a formação teológica mais profunda possível, que lhe desse conhecimentos, métodos e autonomia suficientes para desenvolver sua criatividade. Uma criatividade que lhe possibilitasse enfrentar situações novas, nas comunidades como na própria sociedade, de modo autônomo e com sólida base teológica. Para tanto, nosso estudante teria que ser capacitado para a crítica. Crítica em relação a si próprio, às teologias com que haveria de defrontar-se, ao estudo em si e à Faculdade, à comunidade e à Igreja, ao trabalho pastoral e ao mundo. Crítica que, por outro lado, lhe permitisse então uma participação realmente séria, responsável e autêntica em nossa tarefa comum. Nossa Faculdade teria que dar os instrumentos e treinar o estudante para essa crítica, que implica em autonomia de pensamento, elaboração de critérios próprios, engajamento positivo na causa da teologia e responsabilidade teológica. Isso tudo, é claro, ao lado do estímulo para o trabalho em equipe, e do aprendizado das habilidades práticas do pastorado, que deveria passar a receber cuidados bem maiores.

Partindo dessas considerações básicas, ingressamos num processo de reflexão que, ao longo de alguns anos, envolveu pastores, líderes eclesiais e sobretudo, de maneira muito intensa e proveitosa, professores e estudantes num aprendizado conjunto. Ao longo dessa reflexão, alguns outros princípios fundamentais se nos foram tornando evidentes. Como resultado, chegamos ao sistema de estudo atual, que passo a descrever.

III

A estrutura global do estudo em nossa Faculdade passou a ser a seguinte:

- I – Curso Pré-Teológico (CPT), com duração de dois semestres;
- II – Curso Teológico de Base (CTB), com duração de quatro semestres;
- III – Curso de Aprofundamento e Especialização Teológica (CAET), com duração de quatro ou cinco semestres,

incluindo um estágio, com duração de sete meses e meio;
IV – Exame de Conclusão, com duração de um semestre.

O CPT é obrigatório para todos os que não freqüentaram um curso pré-teológico equivalente, em outro estabelecimento da IECLB. Destina-se à aquisição de conhecimentos de grego e alemão, ao aperfeiçoamento do português e dos conhecimentos gerais, à iniciação na filosofia e na metodologia do estudo científico, bem como a uma primeira tomada de contato com a teologia, através de leitura dirigida e grupos de debate.

Quanto ao CTB, cito trechos dos documentos que regulamentam sua implantação:

“O CTB visa à introdução equitativa do estudante nas disciplinas principais da teologia com a finalidade de lhe proporcionar um amplo lastro de conhecimentos elementares e de promover a familiarização com as técnicas e os métodos do estudo teológico científico. Conseqüentemente todas as disciplinas teológicas são consideradas com a mesma carga horária, sem que a uma delas fosse dada prioridade ou preferência nesta primeira etapa do estudo. O alvo é uma formação teológica geral em sólidas bases científicas. Da mesma forma objetiva-se uma introdução na sociologia e psicologia e uma modesta intensificação do estudo da filosofia... O certificado de conclusão do CTB deverá revelar se o estudante adquiriu o fundamento indispensável para uma proveitosa continuação, isto é, se ele se habilitou para a pesquisa, para o aprofundamento dos conhecimentos auferidos e a especialização, e se ele se qualificou humana e espiritualmente... A intenção do CTB é preparar, num clima teológico livre e criador, para o CAET, possibilitando a aquisição de conhecimentos básicos e de instrumental teológico, e o trabalho com os mesmos. Em vista disso, são indispensáveis, no CTB, cortes materiais em favor de uma visão geral e da percepção do centro vital de cada uma das disciplinas, bem como da teologia como um todo. A indispensável aquisição de conhecimentos deve já no CTB ser refletida e relacionada com as diversas disciplinas e com as preocupações pessoais e contextuais”.

Algumas informações técnicas sobre o CTB: A carga de cada semestre é distribuída em três blocos, que formam uma unidade temática e exigem cerca de sete horas em aula e mais tantas de preparo por semana, cada um. Ao longo dos cursos são realizados trabalhos de pesquisa, verificações e exames escritos, sendo a avaliação feita no tradicional sistema de notas. O mesmo vale para o CPT.

No momento (novembro de 1976), a primeira turma está em vias de concluir o CTB. Ao final do ano será realizada uma avaliação global entre alunos e professores, de onde provavelmente resultarão algumas alterações. Estas talvez irão no sentido de uma maior flexibilidade no sistema de avaliação.

O passo mais significativo e, até certo ponto, inédito de nossa reforma do estudo foi dado com o CAET e o Exame de Conclusão. Cito trechos do documento de regulamentação:

“O objetivo principal do CAET é estimular a criatividade teológica e, dessa maneira, levar à autonomia na reflexão e pesquisa dos problemas mediante os métodos científicos, exercendo-se, sempre que for possível, as formas de diálogo e interdisciplinaridade. Nisso serve como ponto de referência e critério a fé cristã num sentido amplo, como tem tomado forma no testemunho escriturístico e como, derivado deste, tem se expressado na comunidade cristã através dos tempos e nos dias de hoje. Método e conteúdo do estudo estão correlacionados entre si. Com ambos pretende-se descobrir, dentro do estudo, as motivações para uma contínua existência teológica e capacidade para a reflexão e atualização sempre renovadas. Por isso professores e estudantes exercem em conjunto a responsabilidade no planejamento global e específico de aulas, trabalhos e avaliações”.

As aulas do CAET são denominadas seminários. “Os seminários serão temáticos, podendo ser disciplinares ou interdisciplinares”. Entendemos a interdisciplinaridade não só no sentido das disciplinas teológicas mas também como diálogo com ciências como a sociologia, a filosofia e a psicologia. A partir do próximo ano contaremos com um sociólogo, em regime de tempo integral, no nosso corpo docente. “Todos os seminários têm, em princípio, a possibilidade de serem voltados para a prática... O objetivo curricular não é quantitativo, mas intensivo. Por essa razão, cada estudante, à livre opção, e cada professor participarão por semestre de 2 a 3 seminários, constantes cada um de 3 horas semanais. Para cada sessão é pressuposto trabalho preparatório por parte de todos os participantes”.

“A ênfase é colocada no trabalho em grupos, razão pela qual o número de participantes não deveria ultrapassar a 12”. Neste particular tínhamos também a preocupação de estimular o estudante a trabalhar em grupo, preparando-o assim para no pastorado trabalhar em equipe com colegas. “Particular empenho é colocado na interdisciplinaridade, de modo que é desejável a participação de dois ou mais professores em um seminário. A oferta será variada, possibilitando riqueza de opções. Tema, objetivo, modalidade didáti-

ca e de trabalho, execução e avaliação de cada seminário serão regulados por contrato e efetuados em conjunto". Ao lado dos seminários, o estudante escreverá durante o CAET três trabalhos científicos de profundidade, sendo um por semestre.

Cada semestre do CAET será planejado na última semana do semestre anterior, que para tal finalidade ficará livre de outras atividades acadêmicas. "A participação dos professores e estudantes envolvidos será obrigatória. Nessa semana, em encontros de estudantes e professores, entre si bem como em conjunto, respeitada a demanda dos estudantes e a disponibilidade dos professores, serão escolhidos os temas, tipos de seminários, roteiros, ofertas adicionais. ... Será formado um grupo de trabalho integrado por dois docentes e dois estudantes que ficarão encarregados da organização, coordenação e direção da semana de planejamento. O grupo fará os devidos levantamentos entre docentes e estudantes..., confeccionando o currículo".

Vale mencionar ainda, no contexto do CAET, o Ciclo de Palestras, ao qual serão admitidos todos os estudantes da Faculdade (também os do CPT e CTB)..O ciclo versará sobre um tema comum, por semestre, estando a cargo de um professor por disciplina e ocorrerá em lugar e hora exclusivos. O tema será fixado durante a semana de planejamento.

A título de informação: Ao final do corrente semestre teremos a primeira semana de planejamento, que decidirá sobre a primeira experiência com o CAET, no primeiro semestre de 1977.

O Exame de Conclusão merece menção, se falamos em reforma do estudo. Ele se estende por mais de um semestre, não representando apenas um fecho, mas uma última etapa do estudo. Compõe-se das seguintes partes:

1) Tese de conclusão. Trata-se de um trabalho científico, disciplinar ou interdisciplinar.

2) Posicionamento teológico. Neste transparecerá a posição pessoal do estudante frente à teologia e ao pastorado. "A ênfase é colocada no aspecto pessoal, o que inclui a reflexão autônoma e crítica no horizonte teológico e eclesial atual, de modo que, redigindo sua própria posição teológica, o examinando demonstre o estágio alcançado no estudo".

3) Colóquio. "O examinando integrará um Grupo Avaliador. Neste efetivar-se-á um colóquio, em que será avaliado o posicionamento teológico. Para tanto, examinar-se-á sua solidez e consistência, bem como se relacionará o posicionamento teológico com o restante do estudo e as atividades do examinando".

4) Tarefas práticas. "Cada examinando deverá realizar duas tarefas práticas a curto prazo, determinadas pelo Grupo Avaliador. Seu objetivo é verificar o emprego de critérios e posições teológicas num caso concreto".

Outros detalhes: O prazo para os dois primeiros itens é de dez semanas. O Grupo Avaliador é responsável pela condução do exame desde o seu planejamento até a decisão sobre aprovação e a elaboração do parecer final sobre cada examinando. Ele é composto normalmente por três examinandos e três professores. "O Grupo Avaliador redigirá sobre cada um dos examinandos um parecer final, para o que servirão de subsídios, além dos trabalhos do Exame de Conclusão, os trabalhos semestrais e o relatório do estágio. O Grupo Avaliador poderá, quando julgar necessário ou conveniente, convidar outro professor, como por exemplo um dos corretores da tese, o responsável pelo estágio ou o professor assessor".

O quadro de nossa reforma do estudo estaria incompleto se deixássemos de abordar o estágio. Este transcorre nos meses de julho a fevereiro, subseqüentes à conclusão do CTB. O estágio não é financiado pelas comunidades, mas pela própria Igreja. Ele se realiza em comunidades ou em campos específicos de trabalho da Igreja, sempre sob um tutor rigorosamente escolhido e treinado pela Faculdade para este fim. Função do tutor é acompanhar e introduzir o estudante paulatinamente nas mais diversas facetas do trabalho pastoral. O estágio é preparado e intensamente acompanhado, através de correspondência, visitação e retiros, pelo professor especialmente encarregado deste setor. É importante perceber a diferença entre estágio e simples trabalho de substituição de pastores nas comunidades. O período de estágio está aberto também, pelo menos parcialmente, para experiências em campos de trabalho fora da IECLB.

Além desta há, evidentemente, diversas outras atividades com que procuramos preparar o estudante para o exercício prático do pastorado. Deixando de lado as demais disciplinas da Teologia Aplicada, convém ressaltar aqui os diversos cursos de Clínica Pastoral, bem como os grupos de trabalho para voluntários, no mesmo setor, através dos quais os estudantes são introduzidos no aconselhamento pastoral, num processo que culmina com visitas e estágios em hospitais, asilos e nosocômios.

Outro aspecto que não se evidencia do exposto, mas que sempre esteve presente em nossas reflexões e desempenha papel relevante na formação teológica é o do acompanhamento pessoal do estudante. A formação teológica não pode limitar-se a fornecer conhecimentos, metodologia e habilidades práticas. Ela precisa

acompanhar também o crescimento pessoal do estudante. Neste ponto ficamos a dever, apesar do muito que já tem sido feito. Procuramos dar uma dedicação pessoal a cada um, tanto no início do estudo, quando as dificuldades pessoais do confronto com o estudo são maiores, como mais tarde, quando se desenvolve o confronto com a prática. Este cuidado se dá nos grupos de interação que organizamos para os novatos durante um semestre a um ano, e através de reuniões e entrevistas, nas quais são examinadas as experiências de cada um. Fora disso, um psicólogo especialmente contratado (uma tarde por semana) e um dos professores de Teologia Aplicada mantém um intenso serviço de aconselhamento para os estudantes, em questões pessoais mais íntimas.

IV

Peço desculpas se cansei os colegas com essa demorada exposição da formação que planejamos e estamos implantando. Não foi minha intenção vender o nosso peixe. Julguei apenas que esta seria a melhor maneira de ilustrar os princípios que nos parecem essenciais no preparo de um pastor. Resumindo tais princípios, diria que uma formação teológica deve:

(1) Fornecer uma base ampla e profunda de conhecimentos e métodos. Estes são essenciais. Sem eles a reflexão sobre a atualização do Evangelho permanece superficial e a criatividade não tem chão para lançar raízes. Sem eles, reduz-se o conteúdo e a força que o pastor e teólogo pode extrair das Escrituras, do passado da Igreja e do pensamento teológico atual.

(2) Ensinar ao estudante as habilidades práticas do pastora-do. Inserida no contexto de uma igreja, uma faculdade de teologia precisa formar os obreiros desta igreja. Faz parte desta formação o treinamento em habilidades bem concretas e práticas, que não vêm por si, que não são congênitas e que nem sempre são privilégio dos bons teólogos. É importante perceber que muita coisa na atividade de um pastor exige treinamento tão técnico como o levantar uma parede, na aprendizagem de um pedreiro.

(3) Acompanhar o estudante em seu crescimento pessoal, em seu confronto com a teologia, nas conseqüências desse confronto para o seu estilo de vida e para sua vida de fé.

(4) Por último, o princípio chave, que não é um elemento à parte, mas perpassa os três princípios já citados e lhes dá um cunho bem particular:

A formação teológica deve proporcionar os instrumentos necessários para uma reflexão teológica autônoma e crítica. O

teólogo e pastor deve ser um sujeito. Não pode ser mero repetidor de fórmulas e chavões. Deve poder perscrutar a realidade social e eclesial que o cerca, assim como a si mesmo e ao seu trabalho, com os critérios que o Evangelho lhe dá. Este exercício de autonomia e crítica pode ser aprendido e aperfeiçoado. Ele deve perpassar toda a formação: a aquisição de conhecimentos e métodos tem que ser crítica, o aprendizado de habilidades práticas tem que ser crítico, o envolvimento pessoal com a teologia tem que ser crítico. E depois, deverá perpassar também o exercício do pastorado, que precisa submeter-se à crítica constante do Evangelho. Não pretendemos, com isso, formar individualistas. Julgamos, antes, que só o crivo da crítica poderá habilitar alguém a uma participação autêntica e responsável na tarefa comum. Convém lembrar neste ponto que só o exercício da crítica é que possibilitará ao pastor e teólogo também um testemunho cristão claro dentro da sociedade que o cerca.

V

Este é o preparo que, no nosso entender, se deve exigir para um obreiro da Igreja de Cristo. É um preparo que se baseia na liberdade cristã. Qualquer outro, mais restritivo e dominador, não faria jus a essa liberdade.

Resta agora a pergunta: Esse tipo de preparo tem que ser obtido através de uma formação em residência? Não é minha intenção empreender, com unhas e dentes, uma apologia cega da formação em residência. Pelo contrário, estou convicto de que em muitas circunstâncias ela não é possível nem desejável. Mais ainda, estou convicto de que não pode haver formação em residência em estado puro. Seria quase uma aberração. Sei também que a formação em residência leva grande desvantagem no que tange à seleção de liderança para uma comunidade. Conheço as deficiências de um regime em residência. Sei que ele pode acomodar os estudantes e professores, e aliená-los da realidade que os cerca. Sei que pode tender a um estéril capricho intelectual.

Mas, voltando aos princípios relacionados acima, preciso perguntar qual o regime que mais se adequa à sua realização, o da formação em residência ou por extensão:

(1) A formação teológica deve fornecer uma base ampla e profunda de conhecimentos, além dos métodos necessários à pesquisa científica. O Evangelho veio até nós por intermédio do testemunho humano registrado nas Sagradas Escrituras. O surgimento de tais escritos dista milênios de nossos dias. Sua compreen-

são exige conhecimentos históricos, lingüísticos e literários, sem os quais não haverá verdadeira atualização, mas apenas repetição de termos e frases que nada mais dizem ao homem de hoje. Desde a fixação daqueles registros até os nossos dias a cristandade percorreu uma longa história de testemunho, fidelidade e apostasia, obediência e desobediência; uma história que marca determinantemente a nós, cristãos de hoje; uma história sem cuja compreensão não podemos entender-nos a nós mesmos. Essa história tem que ser captada, aprendida, digerida com os métodos da pesquisa científica. Finalmente, nosso quefazer teológico não está solto no espaço. Queira ou não queira, ele precisa defrontar-se com o pensamento do seu tempo e não pode esquivar-se de prestar contas à razão. Isso exige conhecimento das correntes de pensamento, noção das preocupações filosóficas, sociológicas, políticas, econômicas e científicas da época. Isso exige a capacidade de pensar e formular a relevância do Evangelho para dentro de tal situação.

Por isso, pela atualização do Evangelho, uma formação teológica deve fornecer amplitude e profundidade de conhecimentos, bem como os métodos necessários à pesquisa científica. Mas, acontece que a aquisição de conhecimentos e métodos requer uma dedicação intensiva e requer tempo. Dedicação intensiva simplesmente em vista da vastidão do campo a ser abrangido. Tempo, mais, calma e tranqüilidade, porque a teologia é uma ciência que não pode ser tratada com neutralidade. Ela exige confronto pessoal, ela questiona, ela derruba e ergue, ela estraçalha e recompõe. Tudo isso exige tempo. Quando tal questionamento não acontece, alguma coisa está errada. Ele só não acontece quando se aceita passivamente conceitos e chavões religiosos, amordaçando a individualidade, sacrificando a reflexão própria.

Pois bem, a dedicação intensiva e o tempo são possíveis em regime de residência. Mas seriam possíveis em regime de extensão? A pergunta não é meramente retórica. Confesso não conhecer suficientemente a educação por extensão, para poder respondê-la. Mas questiono seriamente se uma formação outra que a de residência, em tempo integral, ofereceria as mesmas condições para o domínio dos conhecimentos e dos métodos necessários ao exercício responsável do ministério.

(2) A formação teológica deve ensinar ao estudante as habilidades práticas do pastorado. Neste ponto a formação por extensão leva evidentemente vantagem, em muitos sentidos. O contato com a prática não é artificial, como pode frequentemente acontecer no caso da formação em residência. Ele é legítimo, natural, não precisa ser provocado. Além disso, o estudante em extensão será via de regra aquele líder natural, aquela pessoa que

foi crescendo para dentro de suas funções e que deve ter, portanto, em si o carisma natural, o domínio de tanta coisa que o seminarista precisa ir aprendendo passo a passo.

Contudo, convém lembrar que também o ensino de habilidades práticas traz coisas não sabidas, cuja assimilação carece de dedicação e tempo. Preparar e proferir uma prédica, preparar e ministrar uma aula, fazer aconselhamento pastoral são atividades que precisam de muitos conhecimentos e de muito exercício. A formação em residência proporciona a dedicação intensiva e o tempo necessários, mas não é a melhor quanto ao contato com o campo de trabalho. E a formação por extensão? Se for capaz de proporcionar dedicação intensiva e tempo, diria que é a modalidade ideal para fazer jus a esse aspecto do estudo. Não havendo, porém, a dedicação intensiva e o tempo, não poderia afirmar a mesma coisa.

(3) A formação teológica deve acompanhar o estudante no seu crescimento pessoal. Isso, por um lado, porque, como já foi salientado, a teologia não permite neutralidade, mas exige confronto pessoal. Há que acompanhar o estudante quando a teologia o derruba; há que ajudá-lo a erguer-se. Por outro lado, o acompanhamento pessoal é necessário porque o exercício do pastorado exige uma pessoa madura e estável. Só poderá aconselhar, só poderá ajudar a superar crises a pessoa que for estável e equilibrada. O acompanhamento pessoal durante o estudo e ao longo dos primeiros contatos com a prática pastoral é fundamental para a solidificação da estabilidade e do equilíbrio.

A formação em residência pode proporcionar as condições físicas, o pessoal e o tempo para que tal acompanhamento aconteça. Também neste caso, porém, o ambiente é um tanto artificial. O ideal seria se as condições físicas, o pessoal e o tempo que são possíveis em residência pudessem ser aliados ao contato natural com a prática que a extensão oferece.

(4) Resta apreciar aquele que denominamos o princípio chave: A formação teológica deve proporcionar os instrumentos para uma reflexão teológica autônoma e crítica. Aquele que um dia deverá exercer responsabilmente o ministério, e participar da tarefa com colegas e com a comunidade, precisa ser capaz de usar a liberdade que Cristo lhe proporciona, pela causa de Cristo. Deve ser capaz de perscrutar a realidade de modo autônomo, munido dos critérios do Evangelho. Este perscrutar é a criticidade a que nos referimos.

O exercício da criticidade começa pelo estudo do que há de mais sagrado para o jovem teólogo, a Bíblia. Dali parte para a Igreja

do passado e do presente, e para o pensamento teológico. Não tarda a atingir a própria pessoa, atravessa a realidade política, social e econômica e vai terminar na crítica da comunidade e do trabalho pastoral. O jovem teólogo não pode aceitar nada como naturalmente dado. Não podemos querer um pastor que engula as coisas só porque a Bíblia, a Igreja, a Faculdade, a comunidade assim o dizem e querem. Esse pastor será, talvez, um bom funcionário, mas não uma testemunha de Cristo. Precisamos do pastor que, por amor de Cristo, saiba questionar e depois do questionamento saiba ser solidário e criativo. Isto é ser crítico. Precisamos do pastor que saiba perguntar se as idéas, as coisas, as práticas, as pessoas estão a serviço de Cristo ou de preconceitos, de tradições cristalizadas, do poder político ou econômico, de interesses de grupos.

Uma formação em residência, quando devidamente conduzida, é um bom campo para o desenvolvimento dessa criticidade. É claro que isso dependerá do tipo de ensino que se oferece em residência. Um seminário pode evidentemente ser uma verdadeira prisão teológica, pode aplicar uma lavagem cerebral religiosa que mata toda e qualquer individualidade crítica. Pressupondo-se, porém, que a autonomia e a crítica teológicas sejam um alvo honestamente perseguido, a formação em residência oferece ótimas condições para o seu alcance. Isto porque permite não só a dedicação intensiva, o tempo e o acompanhamento necessários, mas também dá condições para que o estudante tome distância das concepções teológicas trazidas, da sua Igreja e comunidade, e de si mesmo.

Aqui me parece residir um dos motivos mais fortes em favor da formação em residência e uma das perguntas mais sérias à formação por extensão. A esta eu perguntaria se o material didático empregado e se o tipo de envolvimento com o trabalho prático não agem de modo a não estimular a reflexão autônoma e a crítica de que falamos acima. Mais, eu perguntaria se esses dois fatores não chegam talvez a embotar, a aplicar uma camisa de força, a coibir a reflexão autônoma e crítica. Quanto à instrução programada, mesmo com base no pouco que a conheço, este me parece ser um real perigo. Quanto ao envolvimento com o trabalho prático, falo de experiência: Atualmente se pergunta em nossa Faculdade se o nosso estágio não poderia levar a uma domesticação do futuro pastor, a um bitolamento seu dentro de um determinado esquema de trabalho. Se tal pergunta já se ergue em relação ao nosso estágio, quanto mais não se aplicaria à formação por extensão?

VI

Não creio que seja a intenção deste Simpósio lançar a formação por extensão contra a formação em residência, ou vice-versa. Em todo caso, não gostaria que esta minha contribuição fosse entendida neste sentido. Mesmo porque ambas não me parecem ser alternativas. Segundo depoimento do próprio Ross Kinsler ambas deveriam complementar-se mutuamente. Por outro lado, estou convicto de que os acentos se colocarão de modo diferente, em se tratando de formar pastores ou obreiros leigos. Peço, portanto, que entendam minhas colocações não como negação de uma modalidade e afirmação da outra, mas como contribuição para uma franca reflexão conjunta sobre como tirar o maior proveito e obter a conjugação mais feliz das modalidades que se nos apresentam. Certamente podemos aprender muito uns dos outros. E devemos fazê-lo. É o compromisso que temos para com o testemunho de Cristo em nossa terra.